1 - Qual o nome da Chapa?

O nome da chapa é Gueto e trazemos como mote a frase da cantora e militante Nina Simone: “Liberdade é não ter medo” que reflete sobre os membros que constróem a chapa, onde sua imensa maioria vem do gueto e também para repensar o gueto enquanto não só um grupo que vem de uma exclusão social, mas como um grupo que pertence a uma classe que possui uma tarefa histórica que precisa ser construída também dentro da universidade, tarefa histórica essa que demanda não ter medo, que demanda liberdade. Este nome também se relaciona com a nossa proposta de gestão para o Diretório Central dos Estudantes, para estarmos mais intimamente ligados às questões da cidade, onde consigamos alcançar a zona rural, os bairros periféricos e que consigamos ir realmente além dos muros da universidade.

2 - Quem são os/as candidatos/as?

Importante lembrar que, apesar da constituição-forma burocrática, nossa chapa convida todos os estudantes para construí-la e construir a gestão. entendemos que só a Diretoria não é suficiente para resolver nossas questões; por isso, desde já, convidamos todos os estudantes para se somar nessa luta. Afinal, o DCE é de todos os estudantes. A chapa tem a seguinte composição:

- Coordenação-Geral: Pedro Henrique Lima de Lima (geografia)
- Segunda Coordenação-Geral Stephanie Correia de Jesus (Direito)
- Secretarias-Gerais: Bruno Oliveira da Silva (História) e Yuri Caetano do Carmo (História)
- Secretarias de Finanças: Antony Araújo Oliveira (Engenharia de computação) e Icaro Gabriel Dorea Felix (História)
- Secretarias de Relações Internas: Tarsila Brito Possidonio (Letras Português), Antonio Henrique Macedo Vaz Sampaio (Filosofia), Keyse de Araujo Santos (Engenharia Civil) e Julia Vitoria Amorim dos Santos (Psicologia)
- Secretarias de Relações Externas: Mailyn Souza Machado Caribé (Agronomia), Carlos Vinicius Souza Silva (Educação Física) e Ana Beatriz Lima Chagas (Pedagogia)
- Secretarias de Ensino, Pesquisa e Extensão: Clayton Gabriel dos Anjos da Silva (Musica) e Lana Santos Silva Bezerra (Química)
- Assessoria Jurídica: Aina Karine Silva Barbosa (Economia)
- Secretarias de Arte, Cultura, Comunicação e Esporte: Andreza Nóbrega Carvalho (Engenharia de computação), Eckxs Camões Cunha (Letras Inglês) e Ivy Santana de Cerqueira (Letras Português)

- Secretarias de Assistência Estudantil: Ana Catarina Santana de Oliveira (Engenharia de Alimentos) e Wesley Jesus Silva (Letras Portugues)
- Suplências: Eliaquim Emanuel Rodrigues Silva (Engenharia de Alimentos), Marcos Silva Rocha (Historia), Nariany Bitencoute de Almeida Santos (Educação Física) e Thiago Santos Gonçalves (Agronomia)

3 - Qual o plano de gestão?

Essa chapa foi formada, inicialmente, pela necessidade de reestruturar o Movimento Estudantil na Universidade, que se encontra apático e desestruturado após esses 2 anos de pandemia, onde também as condições de vida pioraram drasticamente com o avanço do fascismo e neoliberalismo que juntos causaram a perda de mais de 600 mil vidas do nosso povo e que cotidianamente deterioram as condições materiais da nossa classe. Viver é cada vez mais precário no nosso país (vide a fome, o problema de insegurança alimentar e diversos outros) e tudo isso impacta no próprio ingresso e permanência na universidade pública.

Há problemas dentro e fora da universidade, até o início dessa semana lançaremos nosso programa que conta com mais de 70 propostas, desde iniciativas que serão realizadas pela própria entidade (DCE) quanto iniciativas que serão nossas pautas de cobrança e luta, pelo que defendemos e acreditamos. Nós queremos estruturar uma gestão que enfrente as questões e problemas dentro da universidade, mas que não siga a mesma lógica isolacionista da universidade de se apartar do resto da sociedade, especialmente, a parcela da sociedade que produz tudo, sustenta financeiramente a universidade mas não tem retorno disso de forma efetiva, que são os trabalhadores. É preciso pensar a cidade, a zona rural e buscar integrar as lutas de forma mais efetiva; a questão do transporte, por exemplo, não é um problema somente dos estudantes da UEFS. É um problema da zona rural e de toda a cidade, portanto, não faz sentido nos mobilizarmos para cobrar melhorias sozinhos. Teremos muito mais força se aliados aos movimentos que já estão nessa luta.

É preciso lembrar também da conjuntura nacional do Movimento Estudantil e a postura de apaziguamento adotada pela Direção Majoritária da União Nacional dos Estudantes que contribui para com uma despolitização de diversos setores do ME. Acreditamos que é necessário um movimento estudantil combativo e que pautem um processo de politização e radicalização política dentro da juventude Brasileira, pois só através disso conseguimos impedir o avanço do fascismo, os ataques contra a educação pública e uma derrota efetiva de Bolsonaro e do bolsonarismo.

Na Bahia, temos um cenário parecido com a conjuntura nacional, com um governo que se diz “progressista” mas, na prática, temos um governador que ataca as universidades estaduais, não dialoga nem com professores nem com estudantes, sem oferecer o mínimo

de permanência estudantil, com o programa mais futuro, que ficou mais de 2 anos sem edital e com inúmeros problemas, com um modelo bolsificante e meritocrático, totalmente excludente. O Mais Futuro, enquanto programa de auxílio, precisa ser superado, mas enquanto não o é, há modificações urgentes que precisam ser feitas. Sabemos que possibilidade e dinheiro para isso acontecer já existe; o que não há é vontade política e interesse por parte do governador e seus aliados que governam para a burguesia baiana. Além disso, é importante lembrar que o governo do estado tem uma polícia que é uma das que mais mata pobre e preto no Brasil, e esse modelo de militarização, defendido inclusive para as universidades, é defendido por Rui Costa e, por isso, precisa ser derrotado.

Feira de Santana também inserida nesse cenário, sofre com o atual governo municipal que age com truculência contra os trabalhadores do Centro da Cidade, professores da rede municipal, além de perseguir os movimentos de cultura da cidade. O transporte público de péssima qualidade maltrata os estudantes, trabalhadores e principalmente os moradores da zona rural do município.

Enquanto gestão durante esse período de 1 ano, lutaremos contra esse cenário de inúmeros ataques à classe trabalhadora e às universidades baianas. Queremos garantir o enfrentamento e a luta por melhorias efetivas para nossa classe.

Mas também entendemos que para as superações efetivas dessas estruturas é necessário derrubar o atual sistema e construir uma nova sociedade. É isso que temos como horizonte. Isso não irá acontecer agora, mas precisamos pautar uma estratégia que defina isso de forma clara, pois o modelo de universidade que queremos é a Universidade Popular.

Com isso precisamos mobilizar o corpo estudantil em torno desses problemas, trazer a conscientização e, através da luta, da mobilização conseguir retomar nossas pautas históricas que são o fim do vestibular, passe livre e uma permanência efetiva.

4 - Dentre as demandas quais as consideradas prioritárias a curto prazo?

A reorganização imediata do movimento estudantil da universidade, perpassando pela construção de ações de conscientização e formação entre os discentes e da inserção deles na gestão do DCE.

A questão do RU da UEFS, haja vista o processo desumano que os estudantes têm passado para acessá-lo vide a fila e os valores que aumentam inversamente proporcionais à qualidade do restaurante.

O engajamento do DCE enquanto instituição e mobilizador da universidade nas causas que afetam a cidade de Feira de Santana no momento e tem trazido diversas turbulências na vida da sociedade feirense e, obviamente, na vida dos estudantes da universidade como a questão caótica do transporte, as truculentas ações da prefeitura

contra os trabalhadores do Centro da Cidade – alguns deles são estudantes da universidade ou tem familiares que são e estão sofrendo com as ações da Prefeitura.

O estabelecimento de uma base de atuação que una os cursos da universidade em torno da construção de uma universidade no gueto e para o gueto, com qualidade e boa capacidade de funcionamento – o que vai desde a aquisição de equipamentos até reforma dos módulos de aulas – e com permanência estudantil funcional para todos.

5 - Se eleita, quais as maiores dificuldades que serão enfrentadas pela gestão?

Justamente esse processo de conscientização dos estudantes sobre o nosso papel no enfrentamento aos ataques que nós sofreremos. Além de tudo, um desafio que teremos será a reestruturação dos DA's. Acreditamos que é fundamental o papel do DCE ajudar os estudantes a reestruturar os DA's que estão sem gestão ou com gestão temporária.

Tudo isso passa pelos estudantes se entenderem enquanto uma categoria e entenderem sua própria potencialidade se organizados em torno de suas reivindicações, não apenas em relação às questões pontuais de cada curso (que são de extrema importância), mas também entenderem que essas questões estão entrelaçadas. A falta de professores não é o problema de um só curso, a falta de laboratórios não é problema de um só curso; há questões que perpassam todas as áreas da universidade. Precisamos nos mobilizar em torno delas, sem esquecer as questões pontuais. As entidades cumprem um papel importantíssimo nesse processo pois podem servir de catalisadores e pontencializadores aos movimentos, indo além da mera representação burocrática, que também tem seu peso.